

APRESENTAÇÃO

O presente volume da revista *Itinerários* é dedicado ao tema “Identidades: o eu e outro na literatura”. A questão da identidade, ou melhor, das identidades, apresenta-se sempre como proteiforme e manifesta-se a partir da experiência do mundo e do outro. Como o leitor poderá verificar pelos artigos deste número, a literatura contemporânea, mas não apenas esta, problematiza de modo dramático aquele que fala no texto, revelando a complexa rede de relações e oposições que as vozes textuais põem em movimento. Por isso mesmo, do ponto de vista crítico, o tema mobiliza várias áreas do conhecimento que vão da linguística à sociologia, passando pela psicanálise e pelas diversas correntes dos estudos literários e culturais. O interesse do volume está justamente no fato de que constitui uma amostra significativa do interesse atual pelo tema e das tendências teóricas e críticas por meio das quais os estudos literários buscam focalizar tema tão desafiador.

O primeiro artigo, intitulado “Identidade(s): entre peles e escamas”, de Aguinaldo José Gonçalves, analisa um fragmento de *Dom Casmurro*, um poema sem título de Fernando Pessoa (“Quando olho para mim não me percebo”) e uma passagem de *A prisioneira*, de Marcel Proust, embasando as reflexões em dois psicanalistas, Sigmund Freud e Jacques Lacan, e no pensamento filosófico de Hanna Arendt. Em sua conclusão, o autor lembra que uma das funções da literatura “[...] é conscientizar o ser humano de que ele não é um ser acabado. Trata-se de um *construto* plausível de movimento, de alterações e de rearranjos.”

O segundo artigo, “Discutindo uma autobiografia contemporânea possível”, assinado por Tiago Monteiro Velasco, defende a hipótese de que “[...] a autoficção, entendida como *performance*, é um processo de construção de um eu que se dá no ato da escrita. Como lembra o autor, “a autobiografia contemporânea, inserida em um contexto de identidades flexíveis e pouco rígidas, não busca a representação de uma identidade fixa, pelo contrário, expõe a construção de uma identidade múltipla sem a pretensão de totalizar um eu autobiográfico”.

Os três artigos seguintes têm como objeto de reflexão a obra de Clarice Lispector, o que demonstra o quanto a escritora brasileira é capaz de mobilizar o olhar crítico quando se trata do tema das identidades e suas construções. Em “Das inversões e das reedições dos papéis de gênero em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector”, Ana Maria Agra Guimarães, discute a relação de aprendizagem entre mestre (Ulisses) e discípula (Lóri) no romance em foco, demonstrando que a identidade das personagens se forma em uma relação intersubjetiva, pela qual perpassa a questão do gênero. Tendo como objeto de estudo o mesmo livro de Clarice Lispector, o quarto artigo, “Ritual, identidade e

metamorfose: os ritos de margem em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*”, de autoria de Rodrigo Felipe Veloso e Teresinha Vânia Zimbrão da Silva, analisa os ritos de passagem no romance para avaliar de que maneira, para Lóri, “[...] agregar-se ao outro e conhecer o seu mundo é começar uma viagem em direção ao interior de si mesma [...] a fim de encontrar no outro a resposta a sua própria existência.” Fechando esse ciclo de artigos sobre Clarice Lispector, o ensaio “Quando adivinhar é ser: o intercâmbio eu-outro-outro-eu na escrita de Clarice Lispector”, de Marília Gabriela Malavolta, serve-se, sobretudo, de passagens de crônicas (uma delas inédita) e de entrevistas, para mostrar que “Na obra de Clarice Lispector, o jogo de identidades processado entre autora, narradores e personagens atende aos apelos de uma força intuitiva com a qual tal jogo metaforiza um intenso processo de conhecimento, ou compreensão, e de criação.”

A correspondência de Caio Fernando Abreu é o objeto de análise do artigo “A (des)pretensão arte de escrever cartas: Caio Fernando Abreu e a escrita de si”, de autoria de André Luiz Alselmi. Servindo-se do pensamento de Freud e Lacan, o autor do artigo demonstra que nas cartas do autor há um constante processo de construção da identidade que reclama a assinatura e o assentimento do outro.

No artigo seguinte, “A musa desdobrada: trajetórias do eu ao outro na obra de Adalgisa Nery”, de autoria de Marcelo Santos, a voz poética da escritora brasileira é analisada para verificar “[...] os trânsitos instáveis e complexos entre o eu – a construção de uma voz poética própria – e o outro – encarnado no exterior, no mundo, ou na figuração do corpo como matéria alheia ao espírito.” Ainda dentro do contexto da literatura brasileira moderna e contemporânea, o conto “A mão perdida na caixa do correio”, de Ignácio de Loyola Brandão, é analisado por Antonia Marly Moura da Silva e Francisco Edson Gonçalves Leite no artigo “O duplo e o insólito na representação da personagem do conto ‘A mão perdida na caixa do correio’”. Segundo os autores, o mito do duplo é reatualizado no conto a fim de tornar possível a discussão da “[...] crise identitária vivenciada pelo homem moderno, segundo a qual o ser duplicado é signo de um eu esfacelado e fragmentado.” O artigo seguinte, “Polifonia e dialogismo em *Caderno de um ausente*: as fronteiras do eu e do outro”, de autoria de Milena Karine de Souza Wanderley e Kelcilene Grácia-Rodrigues, traz para o debate da relação entre o eu e o outro na literatura a perspectiva do pensamento de Mikhail Bakhtin. Tendo como objeto de análise o romance *Caderno de um ausente*, de João Anzanello Carrascoza, o trabalho busca mostrar que as fronteiras entre o eu e o outro é “esteticamente arquitetada e diluída” no romance.

Os três artigos seguintes deslocam o foco crítico para outras literaturas de expressão portuguesa. O primeiro deles, assinado por Ilse Maria da Rosa Vivian e Maria Thereza Veloso, intitulado “O problema da personagem: as identidades e o ser-no-mundo em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto”, analisa o romance do autor moçambicano por meio do cruzamento temático entre personagem, identidades e memória. No texto de Couto, segundo as autoras, “[...]”

devido às condições históricas, sociais e culturais, observa-se a incidência de temas que problematizam, hoje de forma mais aguda que em outros espaços literários, a formulação das identidades.” O artigo seguinte, “A ‘aprendizagem da agonia’ como experiência do mundo contemporâneo em *Os cus de Judas*”, de Ana Paula Silva e Angelo Adriano Faria de Assis, trata da reconfiguração da identidade nacional que se desdobra na reconfiguração da identidade individual no romance *Os cus de Judas*, do escritor português António Lobo Antunes, tomando como referências as teorizações de Paul Ricoeur acerca da escrita da memória e de Zygmunt Bauman a respeito das condições sociais do que chama de “modernidade líquida”. Fechando essa série, um conto da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho é analisado por Renata Quintella de Oliveira no artigo “‘George’: a errância em busca da liberdade”. Em “George”, segundo a ensaísta, a identidade manifesta-se fragmentada e descentrada, constituindo “um sujeito que erra pelo mundo e dentro de si mesmo”.

O artigo seguinte, de autoria de Silvia Mara Tellini, trata da memória e da identidade no romance *When We Were Orphans*, do escritor inglês de origem japonesa Kazuo Ishiguro. Como afirma a autora em sua conclusão, “*I believe Ishiguro’s narratives approach how difficult it is to rule out questions concerning identity, as they are elements involved in reciprocity and receptiveness as much as in difference and individuality.*” No caso de “A construção da identidade do autor em J. M. Coetzee e Enrique Vila-Matas”, Pauliane Amaral compara os romances *Verão* do escritor australiano de origem sul-africana e *Doutor Pasavento* do escritor espanhol para mostrar que ambos apontam “[...] a impossibilidade de fechamento da identidade de seus protagonistas e ao mesmo tempo indicam uma imagem de autor (de autor-criador) que propõe novas maneiras de tratar de temas tão seculares quanto o diálogo com o cânone literário e a presença de elementos não-ficcionais na narrativa.” Na sequência, o artigo “Maryse Condé e Tituba Indien: feiticeiras do imaginário”, de Irene de Paula, discute em uma obra da autora guadalupana (*Eu, Tituba, feiticeira negra de Salem*) a dramatização do “eu” pela escrita, que, no caso, contribui para perturbar e desestabilizar a identidade socialmente imposta à narradora, construída a partir de representações estereotipadas (escrava, negra, mulher, feiticeira, etc.).

Os dois últimos artigos da seção temática tratam da questão da identidade no século XIX. Em “The construction of the self under the light of the other in Edgar Allan Poe’s ‘The fall of the House of Usher’”, Luiz Carlos Moreira da Rocha enfoca “[...] a identidade das principais personagens de ‘The fall of the House of Usher’ [...] e as suas interações uns com os outros, bem como com o ambiente onde estão inseridas [...]” por meio da Semiótica e da psicanálise freudiana. No segundo ensaio desta parte e último do volume, intitulado “A representação dos celtas na cultura letrada vitoriana”, Raimundo Sousa examina textos ficcionais e ensaísticos de escritores britânicos da era vitoriana, mostrando que neste período “[...] os celtas

eram feminizados como antíteses dos ‘ másculos ’ anglo-saxões devido à sua suposta debilidade emocional e intelectual, sendo, portanto, equiparados às mulheres metropolitanas em representações que amalgamavam racismo e sexismo.”

Por fim, a seção Varia apresenta o artigo “Cinema tropicalista ou as diversas conjecturas em torno do filme *Macunaíma*”, de autoria de Meire Oliveira Silva. A articulista discute a relação do filme de Joaquim Pedro de Andrade com o Tropicalismo, discutindo suas convergências e divergências. O volume completa-se com a resenha assinada Olívia Barros de Freitas do livro *A epopeia amazônica de frei Pedro de Santo Eliseu: Viagem (1746)*, de Milton Torres, publicado pela editora da Universidade Federal do Pará em 2015. O livro apresenta para o público brasileiro um poema épico inédito do século XVIII, composto pelo carmelita Pedro de Santo Eliseu, composto de 600 oitavas, em canto único, que tem como espaço de ação épica o antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará, hoje equivalente aos estados que compreendem a Amazônia brasileira. O texto, descoberto por Torres nos arquivos da Seção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal vem acompanhado de um estudo crítico de autoria do próprio Torres.

Maria das Graças Gomes Villa da Silva
Adalberto Luis Vicente

